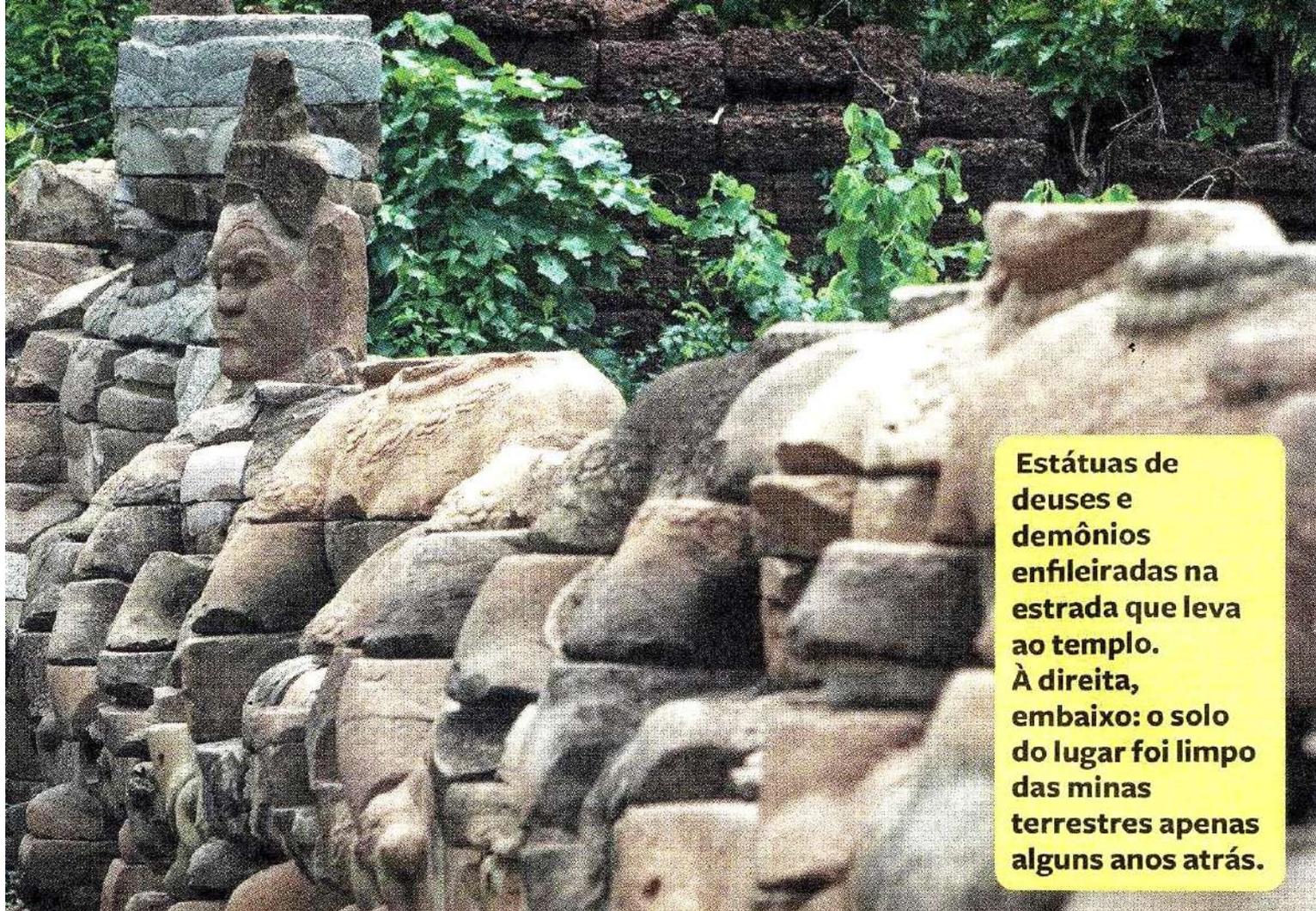


# Templo esquecido

Conheça o inglês determinado a restaurar um magnífico templo na selva do Camboja – e a transformar o lugar em uma atração turística com um diferencial.

TEXTO  
E FOTOS  
DE CRAIG  
STENNETT



**Estátuas de deuses e demônios enfileiradas na estrada que leva ao templo. À direita, embaixo: o solo do lugar foi limpo das minas terrestres apenas alguns anos atrás.**

**Enquanto o carro sacoleja** por uma trilha de terra esburacada no noroeste do Camboja, meu motorista diz: “Essa é a segunda vez em 15 anos que me pedem para ir a Banteay Chhmar. E a última vez foi dez anos atrás.”

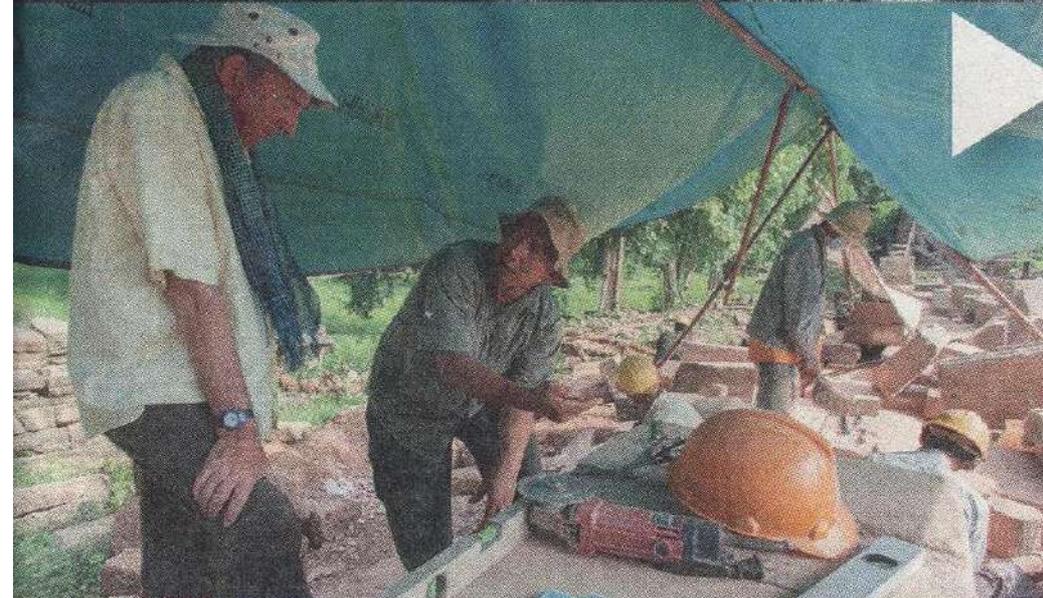
Havíamos deixado para trás a pista asfaltada de Siem Reap, uma das maiores cidades do Camboja, e entrado no que era chamado – com bastante otimismo – de Rodovia 56. Nosso destino é o remoto, pouco conhecido e decadente complexo de templos de Banteay Chhmar, escondido dentro da selva, há quatro ou cinco horas de distância por um caminho capaz de avariar a suspensão de qualquer veículo.

Banteay Chhmar (pronuncia-se Ban-té Xi-mar) é um dos últimos

grandes templos intocados do Camboja. Construído pelo rei Jayavarman VII no fim do século 12 ou início do século 13, o lugar foi abandonado à violência da passagem do tempo, às monções e ao avanço da selva. Mas agora, graças à Global Heritage Foundation (GHF), o templo está sendo restaurado com a ajuda do povo cambojano.

Uma das pessoas essenciais para essa restauração é John Sanday, notável arquiteto e conservacionista britânico, condecorado Oficial da Ordem do Império Britânico, que vê no Banteay Chhmar uma das grandes obras de arte da arquitetura no Sudeste Asiático.

Sanday, diretor regional da GHF na Ásia, estudou Arquitetura na Bristol University e foi para o Nepal a fim de



## Trabalho de amor

**John Sanday** orienta os artesãos no templo. A lona encerada os protege das altas temperaturas. Ventiladores também são usados para aliviar o calor e para dispersar a poeira das pedras.

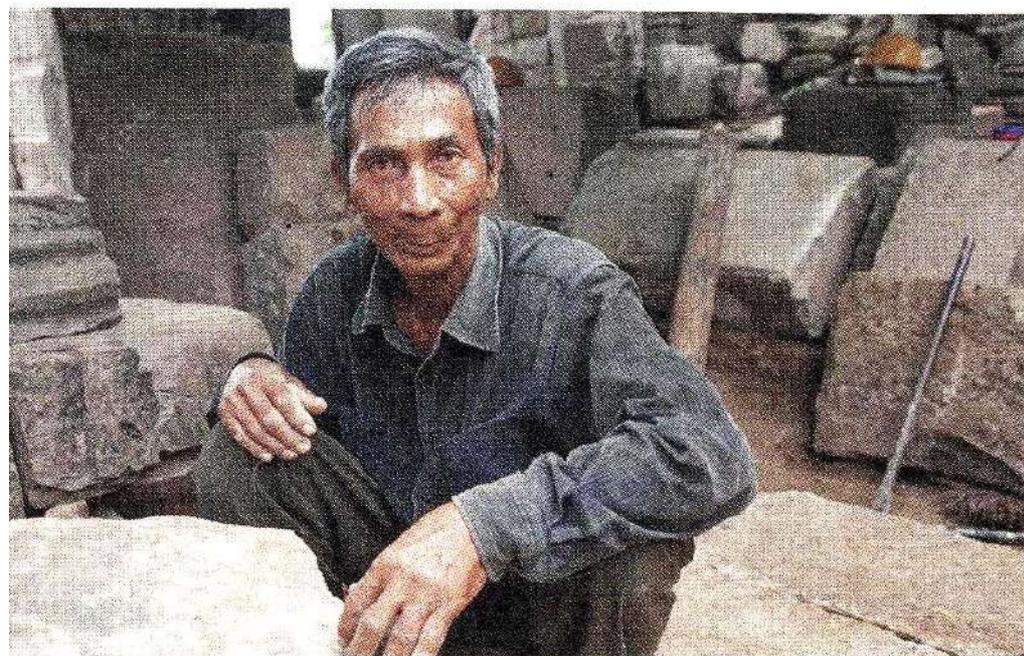
“Os artesãos do Khmer têm uma afinidade com a pedra”, diz John. “Estão sempre tocando-a, sentindo a precisão do encaixe.”



atender a um contrato da Unesco em 1970. Então se mudou com a mulher e o primeiro filho para Katmandu em 1972, e vive na cidade desde então. O arquiteto dedicou a vida à preservação cultural de prédios e monumentos por toda a Ásia, incluindo mosteiros no Himalaia e palácios na Índia. De 1999 a 2006, ele trabalhou em Angkor Wat, o templo mais famoso do Camboja. Mas enquanto um número estimado de 7 mil turistas por

dia descia a Angkor Wat em 2011, mal chegava a 700 por ano o número de visitantes que encarava a desafiadora jornada até Banteay Chhmar. Uma estrada há muito prometida deve ficar pronta este ano, e isso, junto com a restauração, deve terminar com 800 anos de isolamento do templo.

**Parado na entrada sul do** templo, uma passagem sobre o fosso com cheiro inebriante de flores de lótus que cir-



## O braço direito de John

**MOK NGAM, 68 anos,** vem trabalhando com John durante os últimos 14 anos. Treinado para ser artesão, Mok teve de abandonar seu estilo de vida no Camboja em 1975. O Khmer Vermelho suspeitava de todos os cidadãos que tiveram acesso à educação, que falavam alguma língua estrangeira ou tinham outros talentos. Até mesmo o

uso de óculos de leitura era considerado um sinal de intelecto que podia justificar uma ordem de prisão.

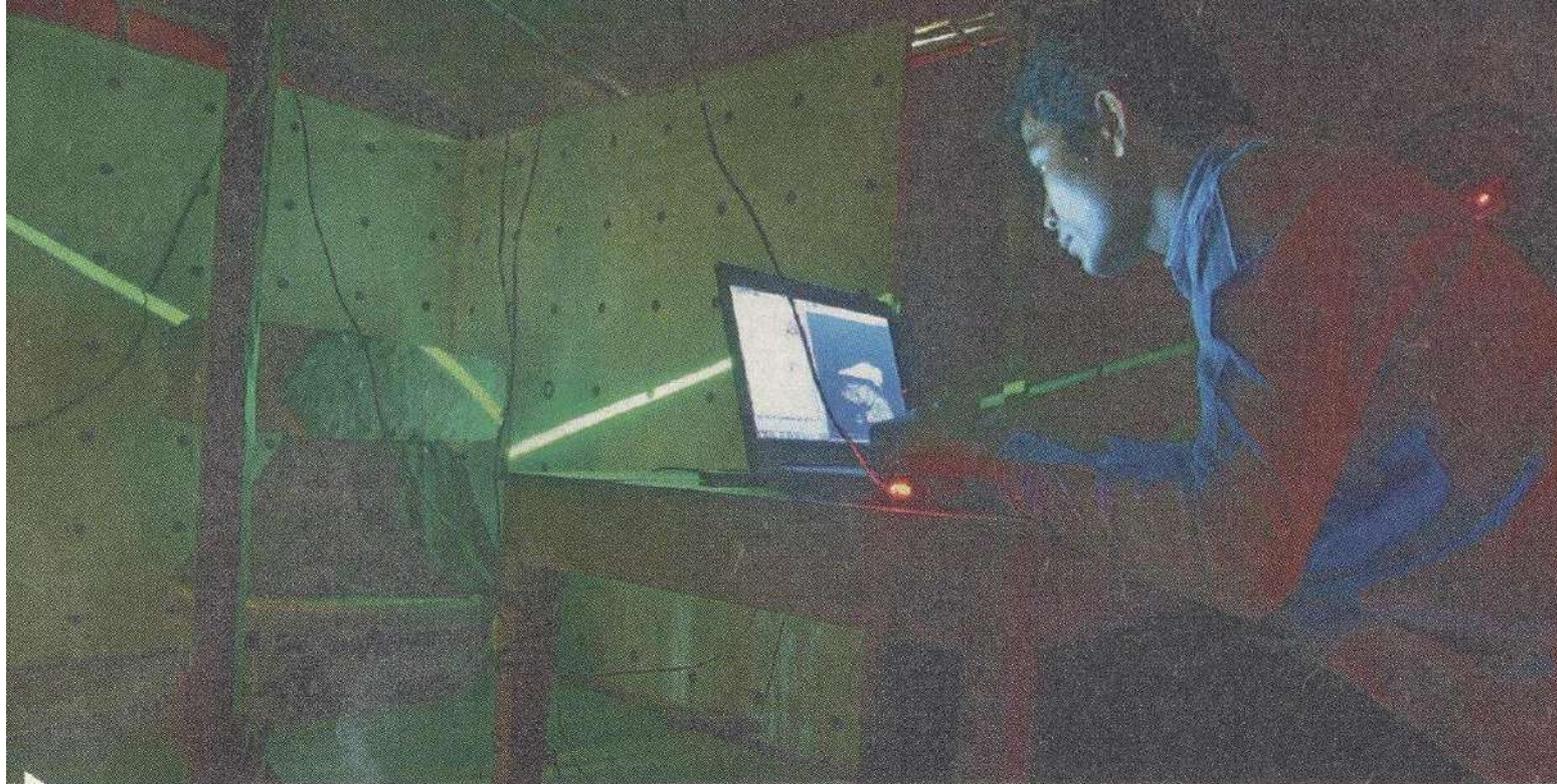
Para sobreviver, Mok foi forçado a se mudar com a mulher e dois filhos para um lugar a cerca de 35 km de distância de onde trabalhara até então.

“Ninguém me conhecia lá”, ele se lembra. “Disse que era um simples cam-

ponês. Foi uma época terrível. Não sabíamos se viveríamos para ver outro dia e estávamos sempre com fome. Aprendi a não esperar nada.”

Mok perdeu o pai e a mãe, o irmão mais velho e o cunhado durante o regime de Pol Pot. O filho dele foi ferido em 1980 por causa da explosão de uma mina terrestre, e perdeu um braço e uma perna. A restauração do templo foi atrasada porque poucos cambojanos com talento para o trabalho haviam sobrevivido ao Khmer Vermelho.

“Nunca imaginei que voltaria a trabalhar com pedra”, confia Mok. “Ou que estaria na posição de treinar jovens cambojanos e passar adiante meus conhecimentos.”



## O quebra-cabeça de John

O trabalho físico intenso de restauração do templo já é bem difícil, mas um dos maiores problemas de John Sanday é descobrir onde se encaixa qual pedaço. Por incrível que pareça, sua solução é usar tecnologia sofisticada no meio da selva. Uma barraca no local é preenchida por uma luz verde fantasmagórica – essa é a área escaneada a laser onde a alta e a baixa tecnologia se encontram. Com uma estrutura simples de corda e roldana (foto abaixo), os operários movem as pedras caídas de uma torre do templo, que devem pesar cerca de meia tonelada, para dentro da barraca. Então um fecho de laser verde corre pela superfície delas, cobrindo todos os ângulos. Uma câmera 3D com tecnologia



de ponta é usada para escanear as pedras, e as medidas feitas a cada minuto são registradas em uma base de dados por **SIN LOUETH**, 28 anos, operador de tecnologia de informação.

A tecnologia, bem como o treinamento oferecido à equipe do Khmer, veio do Centro Interdisciplinar para Ciência da Computação da Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Os dados de Banteay Chhmar são anali-

sados por especialistas dedicados a “resolver o quebra-cabeça de John” com um programa que reúne a informação num modelo 3D e projeta como era a torre.



**Um conjunto único de oito muros entalhados, como o que é mostrado aqui, retratam Avalokitesvara (uma figura budista reverenciada). Quatro dos painéis esculpido foram roubados durante os anos 1990 e levados para a Tailândia para serem vendidos. Mas dois desses painéis foram interceptados e agora são mantidos no Museu Nacional da capital, Phnom Penh.**

cunda o complexo, John diz: “A maior parte dos turistas sonha em visitar o Camboja e fazer uma caminhada solitária ao redor da antiga cidade histórica no meio da selva. Temos a esperança de conseguir manter parte desse romantismo vivo aqui em Banteay Chhmar.”

Embora esteja na casa dos 60 anos hoje, John Sanday abre caminho com agilidade sobre as pilhas de pedras caídas, enquanto expõe sua visão para o lugar: “Gostaria de preservar o templo como uma ruína parcial com baixo impacto e acesso seguro aos visitantes por meio de plataformas suspensas sobre as estruturas caídas.”

Quando passa por um santuário desmoronado à nossa esquerda, ele me conta a terrível história daquele lugar em especial: “Saqueadores achavam que poderiam encontrar pedras preciosas aqui. Seus corpos estão aí dentro. O templo desmoronou em cima deles. Não houve sobreviventes, e não havia como resgatar os corpos

na época, por isso simplesmente foram deixados aí. Alguns moradores locais acreditam que os espíritos dos saqueadores ainda assombram esse lugar.”

**John não quer de forma alguma que Banteay Chhmar imite Angkor Wat,** onde o turismo em massa danificou templos e ameaçou a própria sobrevivência do lugar. Em vez disso, o arquiteto acredita que o turismo sustentável adequadamente gerenciado possa trazer benefícios sociais e econômicos às comunidades rurais. Um de seus objetivos é envolver a população local em todos os estágios. Ele contrata pessoas nos vilarejos próximos e as treina para serem uma força de trabalho especializada, capaz de manter e administrar o lugar. “Tenho muito orgulho das pessoas que trabalham aqui”, diz John. “Eu as treinei e elas passaram a administrar a si mesmas. Agora sabem o que estão fazendo.”

Não há hotéis nem pousadas na área, portanto os turistas ficariam hospedados com as famílias locais e fariam suas refeições com elas, compartilhando o que ainda é, em sua maior parte, um modo rural de vida. O templo restaurado estará no coração espiritual da comunidade.

“Precisamos de um movimento de 5 mil turistas por ano, que visitem e fiquem hospedados na nossa comunidade. Assim, conseguimos equilibrar as finanças e tocar nosso projeto sem precisar de fundos externos. Se recebêssemos 10 mil pessoas seria ainda melhor”, diz Sophal Tath, da Community Based Tourism (algo como turismo

baseado na comunidade), que promove o turismo responsável na Europa e nos países em desenvolvimento. “A comunidade sabe como o templo é importante para nós e para a nossa subsistência.”

Outra atitude também considerada uma das “melhores práticas” pela GHF é que os lucros do local sejam direcionados às pessoas que ali vivem, pois isso pode estimulá-los mais a cuidar da preservação do templo, a retornar ao papel de guardiões legítimos.

Como diz John Sanday: “Em última análise, são as pessoas daqui que assegurarão o futuro e a preservação do templo.”

## FALHA DE COMUNICAÇÃO

**Ao procurar** dois livros de uma especialista em Comunicação na biblioteca, pensei estar assistindo a uma cena de comédia.

– Qual o primeiro livro? – perguntou a bibliotecária.

– *Não foi isso que eu quis dizer* – respondi.

– E o que você quis dizer?

– Esse é o título do livro – expliquei.

– Ok – disse ela, com uma expressão de quem não acreditou muito.

– E o outro livro?

– *Você simplesmente não me entende.*

– Como é?

Eu até consegui os dois livros. Mas demorou um bom tempo.

*Norm Williams*

**Quando o meu** modem apresentou um problema que eu não sabia resolver, fiquei sem acesso à Internet. Depois de tomar as primeiras providências para tentar solucionar o caso, decidi procurar alguma dica no manual de instruções que veio com o modem.

Vasculhando o livreto de cima a baixo, por fim encontrei a “solução” proposta: buscar mais informações num site da Internet.

*Paul Fortin*